

Apresentação: Cosmopolítica dos Andes e dos seres-terra

Salvador Schavelzon¹

Os que leem esta apresentação da tradução do texto “Indigenous Cosmopolitics in the Andes: Conceptual Reflections beyond ‘Politics’”, de Marisol de la Cadena, provavelmente chegaram até aqui interessados pela questão da cosmopolítica. Tal discussão, que crescentemente habita a antropologia feita no Brasil, faz parte de um movimento da disciplina em direção a mundos outros, cada vez mais visíveis em nossas defeituosas ferramentas intelectuais. Esse movimento parte dos mundos cosmopolíticos, dos não humanos e de concepções não modernas e não naturalistas que invadem o pensamento ocidental pelo elo mais fraco, a antropologia – mas não só. O movimento de desocidentalização do pensamento contemporâneo é contundente e vai além do exercício de tolerância, inclusão e reconhecimento de outras vozes e cosmovisões. Trata-se de um movimento em que o próprio Ocidente se entende como cada vez mais cosmopolítico.

Em trabalhos como o de Marisol, as montanhas e seres-terra falam por si, e não como “crença” ou “cultura” de povos que fazem esse recorte do real no plano do pensamento ou das cosmovisões e culturas, modo pelo qual a antropologia os registraria como numa tarefa de “resgate”. Na antropologia, cosmopolítica não é nem um conceito, nem descreve o esforço condescendente de “reflexibilidade” e autoridade etnográfica compartilhada com generosidade paternalista. Por isso há quem diga que ela, transformada pela antropologia dos outros, adota, agora, um novo animismo, pelo qual se abre para agências não apenas humanas. Uma agência multinaturalista que rompe com o antropocentrismo na medida em que estabelece comunicação entre o nosso mundo e outros, para além do fechamento epistemológico moderno, abrindo-se para outros mundos, os mundos dos outros e, assim, para outros mundos nossos.

O trabalho de Marisol é importante nesse universo de antropologias sensíveis a esse movimento em que nos afastamos do homem (do Iluminismo) para ganhar o cosmos. Ela traz para os leitores brasileiros pitadas de sociedade andina, com a lógica do *Ayllu*, dos *Apus*, da *Pachamama*; mas também uma leitura latino-americana, política, da teoria antropológica contemporânea e, assim, de outra política, distante das cansadas instituições republicanas e da política estatal. Através da etnografia e do diálogo com outras antropologias, no trabalho de Marisol, ecoam o quéchua, o inglês e o espanhol dos mundos mestiços, indígenas e camponeses do Peru, da Universidade da Califórnia, em Davis, e da discussão contemporânea em que a antropologia se encontra com os estudos da Ciência e Tecnologia (STS, da sigla em inglês), com os estudos pós-coloniais e com os estudos da antropologia feita no Brasil em torno da chamada “virada ontológica”.

¹ Professor da Universidade Federal de São Paulo, Campus Osasco. É Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi professor visitante na University of California, Davis.





Do ponto de vista da academia norte-americana, a visão de Marisol é muito política. Como herdeira de preocupações comuns ao mundo acadêmico do sul, sua reflexão é próxima – embora também estrategicamente distante – das ideias que o mundo intelectual latino-americano desenvolve acerca dos processos políticos contemporâneos. Gramsci, Mariátegui, Laclau, Arguedas, a teologia da libertação, assim, convivem, no pensamento de Marisol, com Rancière, Haraway, Deleuze e Guattari. Para a universidade latino-americana, próxima da política nacional, no entanto, o pensamento de Marisol é “pós-moderno”, contaminado por hábitos acadêmicos do norte. A ubiquidade dos textos de Marisol tem a ver, certamente, com a originalidade de uma reflexão feita em companhia de várias cumplicidades e parcerias (citamos Gudynas, Escobar e Blaser como autores em diálogo contínuo com a Marisol). Neste lugar, ela consegue ser relevante politicamente sem burocratizar nem institucionalizar seu pensamento, ao mesmo tempo que se mantém informada e atenta ao conhecimento científico, nesse diálogo aberto com a teoria antropológica contemporânea, com os STS, com a história, e mais.

A restituição epistemológica e ontológica do povo da terra, junto com não humanos como vozes com protagonismo, em diálogo com os pontos de vista da antropóloga, se conecta de fato com processos políticos que, em anos recentes, na Bolívia e no Equador, buscaram levar a lógica da comunidade para o debate estatal, ou que deram lugar à criação de movimentos de protesto e participação política contra empreendimentos de megamineração e outros extrativismos, a partir de lutas similares àquelas em que se envolveram os interlocutores de Marisol no Peru e em outros lugares. O debate teórico da antropologia de Marisol encontra aí um lugar original, como forma livre de pensar que não se adapta automaticamente ao consenso do possível, do previsível e do já dito.

Marisol está acostumada a transitar entre saltos reflexivos não lineares, *insights* ou intuições que problematizam e desnaturalizam o dado. Sua forma de pensar ecoa e encontra interlocução com os conceitos de “*slow down reasoning*” de Isabelle Stengers, com as “*partial connections*” de Marilyn Strathern e Donna Haraway, com o “dissenso” de Jacques Rancière e com a “equivocação controlada” de Eduardo Viveiros de Castro. É nesse lugar em que os *earthbeings*, híbridos de natureza e cultura, ou o *ser-em-ayllu* contribuem muito para uma antropologia latino-americana que ainda tem dificuldade em olhar para contextos etnográficos próximos, fora das fronteiras nacionais, bem como para se afastar de um pensamento marcado pelo Estado, em que povos indígenas ou populações tradicionais se enxergam antes de mais nada como parte da nação.

Marisol é um nome nesse cenário para quem a indigeneidade não é identidade multicultural ou componente básico do nacional, mas perspectiva de relação, de diferença, e de coexistências de mundos que não compõem nem totalidades nem minorias depositárias de direitos. Esse pluriverso é o da recuperação histórica dos momentos de luta das comunidades – de luta e de vida –, da reforma agrária, do neoxamanismo vinculado ao turismo, da defesa das montanhas contra a lógica mercantilizadora da natureza. Uma leitura com várias camadas temporais na vida de Mariano e Nazario Turpo que escapa aos dogmatismos de partido e do politicamente correto do

progressismo.

Livre para reconstruir a vida, o arquivo e as formas sociais num trabalho antropológico, Marisol pensa com seus interlocutores, sendo capaz de questionar com curiosidade os organismos geneticamente modificados, evitando posições que fechem a discussão e também o desencantamento de um mundo nunca mais moderno. O camponês andino descrito por Marisol de la Cadena se aproxima bastante de homens que vivem nos Andes, sem ser decodificados como signos genéricos de identidade (de gênero, etnia indígena ou nacional, ou de raça). Sem deixar de contribuir na discussão do racismo, da mestiçagem, da etnicidade, vemos uma perspectiva que não é a de praxe, nem na academia norte-americana, nem na política latino-americana. O diálogo com a filosofia da diferença e com a antropologia simétrica de Latour, sem perder o olhar latino-americano, permite vislumbrar um mundo não moderno que diz muito sobre a constituição da modernidade nos Andes. Diz, assim, sobre o Peru, mas também sobre uma cosmopolítica que o Estado-Nação sempre combateu e negou.

A publicação do texto de Marisol sobre a cosmopolítica nos Andes é então muito bem-vinda. Não apenas pela cosmopolítica, mas também e especialmente pelos Andes, convocando a quem se interessa em desfazer fronteiras fictícias entre povos ameríndios das terras altas e baixas. Nestes universos de pesquisa e reflexão, a recente tradução se integra a alguns esforços que nutrem diálogos entre antropologias, realidades ameríndias e camponesas latino-americanas e a abertura cosmopolítica de ontologias que por si mesmas questionam o marco da colonialidade epistemológica universalista. Citemos os esforços recentes, como a tradução do artigo “Uma outra cosmopolítica é possível?” de Blaser (2018), o dossiê na Revista de Antropologia da USP (SCHAVELZON, 2016) e da publicação pelo IEB-USP dos trabalhos de um simpósio afim, incluindo uma contribuição da própria Marisol, que participou do evento (BAILÃO et al., 2018).

Referências

BAILÃO, André; PINHEIRO, Jamille; OLIVEIRA, Joana; MARINI, Marisol; TADDEI, Renzo; MARRAS, Stelio. Entreviver – desafios cosmopolíticos contemporâneos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, p. 13-23, 2018.

BLASER, Mario. Uma outra cosmopolítica é possível? *R@U – Revista de Antropologia da UFSCar*, n. 10, v. 2, p.14-42, 2018.

SCHAVELZON, Salvador. Introdução Dossiê - Cosmopolíticas e ontologias relacionais entre povos indígenas e populações tradicionais na América Latina. *Revista de Antropologia*, v. 59, n. 3, p. 7-17, 2016.

